

Líder em genéricos no País, EMS está na disputa para comprar multinacional

Companhia do empresário brasileiro Carlos Sanchez busca levantar cerca de 900 milhões de euros no mercado para usar parte desses recursos para aquisição; europeia Medis, subsidiária da israelense Teva, também é alvo de grupos estrangeiros

Mônica Scaramuzzo, O Estado de S.Paulo

02 Outubro 2018 | 04h00

O grupo farmacêutico EMS, do empresário brasileiro Carlos Sanchez, está no páreo para a compra do laboratório europeu Medis, braço da israelense Teva, apurou o **Estado** com duas fontes a par do assunto. **Maior produtor de medicamentos genéricos do País**, a EMS está participando com outras empresas estrangeiras e fundos de private equity do processo para adquirir a companhia.

A empresa de Sanchez estaria levantando um empréstimo de cerca de 900 milhões de euros (cerca de R\$ 4,2 bilhões) para usar parte dos recursos

como garantia para a possível aquisição, segundo uma fonte de mercado.

PUBLICIDADE

Comece a controlar online
as finanças do seu negócio.

Comece já



PUBLICIDADE



A empresa de Sanchez estaria levantando um empréstimo de cerca de 900 milhões de euros. Foto: REUTERS

PUBLICIDADE

Cupom Americanas

Até 10% de desconto em Smartphones!

Descontos Submarino

Notebooks com até 25% de desconto!

Promoção Casas Bahia

Até 35% de desconto em Smart TVs

Europa, a Medis foi colocada à venda por 600 milhões a US\$ 1 bilhão, segundo

parte de seus negócios para reduzir seu endividamento. A companhia comprou a Allergan, em 2015, por cerca de US\$ 40,5 bilhões. O Citibank está assessorando a Teva nesta operação.

Procurados, a EMS e o Citibank não comentaram. Já a Medis e Teva não retornaram os pedidos de entrevista.

Internacionalização

Maior laboratório do País, a EMS, controlada pela holding da família Sanchez, a NC Pharma, encerrou o ano passado com faturamento bruto de R\$ 12,2 bilhões. Se consideradas as vendas líquidas, com os descontos já

m R\$ 4,7 bilhões, apurou o **Estado**.

ação no mercado, a EMS adotou nos
expansão dentro e fora do País. Em
r no mercado norte-americano por
níos inovadores. No ano passado, a
ministrar a farmacêutica Galenika,

Medis, o negócio será a maior
íca nacional no exterior.

o a Eurofarma e a Biolab, também
rnacionalização de seus negócios.

êutico, a falta de perspectiva de
levado laboratórios nacionais mais
ternacional. Entre 2009 e 2012, o
s, com importantes multinacionais
Foram os casos da americana Pfizer,
rancesa Sanofi, que negociou a

Medley; e da japonesa Takeda, que levou a Multilab.

Esse movimento, contudo, se inverteu. Pfizer decidiu vender sua parte na Teuto para a própria família fundadora do negócio, enquanto a Takeda vendeu a Multilab seis anos depois de entrar no Brasil para a NC, também de Carlos Sanchez.

Desaceleração

Depois de anos crescendo acima de 10%, o setor farmacêutico nacional sentiu o impacto da crise e reduziu a expansão. O setor deve encerrar o ano com alta entre 8% e 9% nas vendas, movimentando R\$ 58 bilhões, além de R\$ 20 bilhões em vendas governamentais. O movimento de

consolidação deve continuar, mas em ritmo menor que o registrado nos últimos anos. O setor de saúde continuará atraindo investidores, mas os negócios envolvendo a indústria farmacêutica devem perder o ritmo.

NOTÍCIAS RELACIONADAS

- Farmacêutica Shire pode apoiar oferta de aquisição de US\$ 64 bi pela Takeda
- Justiça concede quebra de patente de remédio contra hepatite C
- Pfizer aumenta preços de Viagra e outros cem remédios, contrariando promessa de Trump

Mais conteúdo sobre:

[indústria farmacêutica](#)

[EMS](#)

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

SIGA O ESTADÃO